

# Relação entre cinismo e expectativa de trapaça na vida acadêmica e profissional: um estudo com alunos de cursos de pós-graduação *lato sensu* da área de Contabilidade

Vitor Hideo Nasu

<https://orcid.org/0000-0002-5176-6634> | E-mail: [vnasu@usp.br](mailto:vnasu@usp.br)

Luis Eduardo Afonso

<https://orcid.org/0000-0003-4639-8299> | E-mail: [lafonso@usp.br](mailto:lafonso@usp.br)

## Resumo

**Objetivo:** Analisar a relação entre o cinismo e a expectativa de trapaça nas vidas acadêmica e profissional de estudantes de cursos de pós-graduação *lato sensu* da área contábil.

**Método:** Empregaram-se questionários eletrônicos e *in loco*, com participação total de 92 alunos de duas instituições de ensino superior da região Sul do Brasil. O questionário estava dividido em três partes: (i) informações sociodemográficas do participante; (ii) questões para mensurar o construto de cinismo, mensurado de duas formas e denominado de CIN1 e CIN2; e (iii) questões sobre o comportamento e expectativa de trapaça na vida acadêmica e profissional dos participantes.

**Resultados:** Os testes iniciais indicaram que o nível de cinismo dos participantes é similar quando analisados por sexo, área em que trabalham e formação acadêmica. Os modelos de regressão logística binária indicaram que há relação positiva entre o cinismo e a expectativa de trapaça, tanto na vida acadêmica como na profissional.

**Contribuição:** Contribui-se com a discussão, ainda escassa, sobre o traço de cinismo no contexto de contabilidade brasileiro; fornecem-se evidências de que há relação positiva entre o cinismo na vida acadêmica, mas também na vida profissional; e alerta-se para o cinismo dos indivíduos para que políticas e códigos de conduta sejam adotados a fim de reduzir a trapaça em decorrência do cinismo.

**Palavras-chave:** Cinismo; Trapaça; Vida acadêmica e profissional; Personalidade; Contabilidade.

Editado em Português e Inglês. Versão original em Português.

Recebido em 29/5/2020. Pedido de Revisão em 22/6/2020. Resubmetido em 16/7/2020. Aceito em 20/7/2020 por Dr. Andson Braga de Aguiar (Editor associado) e por Dr. Gerlando Augusto Sampaio Franco de Lima (Editor). Publicado em 30/9/2020. Organização responsável pelo periódico: Abracicon.

## 1. Introdução

Não são raros os casos de fraudes financeiras reportados pelos canais midiáticos e que, provavelmente, há o envolvimento de um contador. Por este motivo, elementos comportamentais de profissionais da área de negócios ganharam destaque na agenda de pesquisa contábil no Brasil. Em particular, notam-se estudos com foco na forma com que traços de personalidade afetam o comportamento e a tomada de decisão de gestores, contadores e estudantes. Por exemplo, enquanto Avelino, Lima, Cunha e Colauto (2017) buscaram examinar a relação entre o traço de narcisismo não patológico e a percepção de desonestidade de alunos de contabilidade, D'Souza e Lima (2019) visaram entender a relação dos valores culturais dos estudantes de Ciências Contábeis e os traços de personalidade não patológicos que compõem o *Dark Triad* (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia). Desta forma, o campo da contabilidade comportamental, mais especificamente voltado à personalidade dos indivíduos, ganhou destaque, principalmente porque a interdisciplinaridade entre a Contabilidade e a Psicologia é relativamente recente.

Uma evidência disso consta em Thaler (2019). Em seu livro *Misbehaving*, há a indicação de que, em 1992, não havia nenhum curso de pós-graduação em economia comportamental, ao menos no melhor do seu conhecimento. Então, o primeiro curso foi criado pela *Behavioral Economics Roundtable*<sup>1</sup>, da qual Thaler (2019) fazia parte. Por isso, é razoável presumir que tampouco existiria um de contabilidade comportamental, em particular no Brasil. Uma linha de pesquisa recentemente criada possui fértil terreno para exploração. Nessa vertente, inseriram-se os traços de personalidade, que podem ser investigados para entender melhor o comportamento de profissionais da contabilidade (Wheeler, 2001; Wheeler, Jessup, & Martinez, 2002), bem como o de demais profissionais envolvidos na área de negócios.

Um dos traços de personalidade ainda pouco explorado e que pode contribuir com essa linha de pesquisa é o cinismo. Primeiro, é preciso destacar que há diferenças entre o cinismo contemporâneo e o cinismo antigo. Nesta pesquisa, o cinismo estudado é o contemporâneo e, por razões de concisão e foco, o cinismo antigo não será tratado. A literatura prévia tem fornecido distintas definições e tipos para o estudo deste traço de personalidade, uma vez que sua concepção depende da área de conhecimento, contexto e momento histórico. Por isso, neste estudo, o cinismo é definido como uma crença geral sobre a natureza humana de que os indivíduos não são confiáveis (Chiaburu, Peng, Oh, Banks, & Lomeli, 2013; Costa, Zonderman, McCrae, & Williams, 1986). Consequentemente, indivíduos com forte traço de cinismo são aqueles que vêem outras pessoas com desonestidade e desconfiança (Bernardi & Adamaitis, 2006; Cook & Medley, 1954). Devido à forma como os cínicos percebem outras pessoas, o cinismo de gestores, contadores e profissionais da área de negócios, de modo geral, traz implicações concernentes ao seu comportamento e às suas decisões, em particular no que podem ser consideradas, de forma ampla, condutas trapaceiras (*cheating conduct*). Há evidências que sustentam que estudantes da área de negócios reportam e estão mais propensos a trapacear do que os de outras áreas do conhecimento (McCabe, 2005; McCabe & Trevino, 1995). Ademais, alunos da área de negócios declararam que comportamentos imorais são dominantes do mundo dos negócios e, para avançar em suas carreiras profissionais, precisarão trapacear de alguma forma (Lawson, 2004). Nesse sentido, é pertinente entender como o forte sentimento de desonestidade e desconfiança, característico do cinismo, está relacionado a comportamentos de traça<sup>ii</sup>. Deste modo, o objetivo do presente estudo consiste em analisar a relação entre o cinismo e a expectativa de traça na vida acadêmica e profissional de alunos de cursos de pós-graduação *lato sensu* da área de Contabilidade.

A expectativa de trapaça de indivíduos que possuem traços de cinismo mais intensos pode ajudar a antecipar alguns dos seus comportamentos e decisões indesejados, contribuindo para uma melhor gestão dos recursos humanos dentro das empresas. A identificação da personalidade cínica dos funcionários por meio de instrumentos acadêmicos ou clínicos também colabora para constatar o nível de cinismo dos recursos humanos. Desta forma, a empresa pode tomar medidas e adotar políticas e códigos de conduta que diminuam o sentimento de desconfiança e desonestidade em relação à sua imagem e entre os seus funcionários. O construto de cinismo sob investigação neste trabalho é o nãoopatológico, embora os instrumentos empregados para a sua mensuração pertençam à literatura médica e de psicologia. Por isso, o presente estudo não tem como escopo o diagnóstico clínico do cinismo como patologia, mas apenas e tão somente o seu estudo com propósitos acadêmicos.

Esta pesquisa contribui com a literatura prévia ao prover análise da eventual relação entre o cinismo e a expectativa de trapaça tanto na vida acadêmica como na profissional de alunos que realizam cursos de pós-graduação *lato sensu* na área contábil em duas instituições de ensino superior da região Sul do Brasil. Este público foi escolhido por estar, concomitantemente, atuando nas áreas profissional e acadêmica. Além disso, como será discutido na seção 2, o estudo contribui ao reportar resultados a partir de duas *proxies* para o cinismo. A necessidade de se utilizarem duas medidas para o cinismo também é debatida na seção 2 e as suas implicações são discutidas na seção de considerações finais.

Além desta seção introdutória, o artigo está organizado da seguinte maneira: a seção 2 apresenta a revisão da literatura e o desenvolvimento das hipóteses. A seção 3 explica os procedimentos metodológicos empregados na consecução deste trabalho. A seção 4 reporta e discute os resultados e a seção 5 descreve as conclusões, implicações, limitações e recomendações de pesquisas futuras.

## 2. Revisão da literatura e hipóteses

### 2.1 Cinismo e trapaça

O traço de cinismo tem sido definido por pesquisadores como sendo uma crença geral sobre a natureza humana de que outros indivíduos não são confiáveis (Bernardi & LaCross, 2004; Chiaburu et al., 2013; Costa et al., 1986). Similarmente, o cinismo também pode ser considerado como uma dimensão moral que envolve níveis mais fortes de desconfiança e hostilidade dos motivos e ações de outras pessoas (Adorno, Frenkel-Crunswik, Levinson, & Sanford, 1950; Turner & Valentine, 2001).

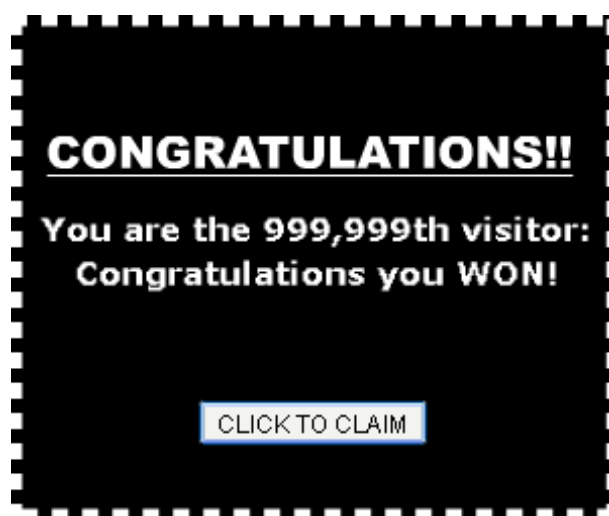
O cinismo de gestores, contadores e demais profissionais da área de negócios tem sérias consequências para a sua produtividade e forma de comportamento (Andersson & Bateman, 1997; James, Miles, & Mullins, 2011), bem como para sua saúde, uma vez que há evidências de que o cinismo está relacionado à síndrome de Burnout (Viljoen & Claassen, 2017) e a outros problemas de saúde (Stavrova & Ehlebracht, 2018; Why & Johnston, 2008). Por exemplo, um chefe do departamento contábil com personalidade cínica mais forte pode frequentemente desconfiar de que a sua equipe não realiza os trabalhos designados com a qualidade desejada e, por esta razão, aquele acaba por fazer o seu trabalho e mais o da sua equipe, sobrecarregando-o e desgastando-o. Da mesma forma, funcionários cínicos estão inclinados a acreditar que a administração da empresa irá tirar vantagem do seu trabalho duro (Kanter & Mirvis, 1989) e que a sua contribuição para a empresa não será reconhecida (James et al., 2011). Adicionalmente, funcionários com forte personalidade cínica podem assumir posições contrárias às ações da empresa e debochar publicamente das suas iniciativas (Serrano Archimi, Reynaud, Yasin, & Bhatti, 2018). Por isso, o excesso de cinismo – ou desconfiança exagerada de algo ou alguém – pode afetar o clima organizacional e a cooperação entre colaboradores, sendo fundamental recuperar a confiança de seus funcionários (Serrano Archimi et al., 2018). Estudos também indicam que há relação negativa entre o cinismo e a satisfação com o trabalho (Kökalan, 2019; Leung, Ip, & Leung, 2010). À medida que há maior sentimento de desonestidade e desconfiança, menor é a satisfação no ambiente profissional.

Por não confiarem em outros indivíduos, os cínicos podem apresentar comportamentos individualistas. James et al. (2011) reportam que “indivíduos que são altamente cínicos não são naturalmente propensos a se engajarem em comportamentos voluntários de assistência”<sup>iii</sup> (p. 168). Desta forma, profissionais cínicos estão mais inclinados a priorizar os seus interesses pessoais perante aos da empresa (Kökalan, 2019), ou do interesse público. Os cínicos estão dispostos a se beneficiarem às custas de outros. Por esta razão, a competência ética tem sido vista como relevante para profissionais da área de negócios e, mais especificamente, para contadores (Lawson et al., 2015).

De uma perspectiva abrangente, estudos sugerem que o cinismo é a origem da redução do crescimento econômico e do envolvimento cívico dos indivíduos, sendo igualmente responsável por prover oportunidade para cometer crimes (Andersson & Bateman, 1997; Stavrova & Ehlebracht, 2018). Com base neste raciocínio, se o traço de cinismo de profissionais da área de negócios é mais acentuado, maior é a propensão de atuarem de forma trapaceira. Particularmente na área de Contabilidade, pesquisas têm apontado que o cinismo está positivamente correlacionado com a conduta de traça. Nesse sentido, se o traço de cinismo de profissionais da área de negócios é mais acentuado, mais propensos estão de atuarem de forma trapaceira no ambiente de trabalho.

Particularmente na área de Contabilidade, pesquisas apontam que há relação positiva entre o cinismo e a conduta de traça (Ameen, Guffey, & McMillan, 1996a; Bernardi & Adamaitis, 2006; Bernardi & LaCross, 2004; Salter, Guffey, & McMillan, 2001), embora tais estudos tenham sido realizados com alunos e cujo foco era a traça no ambiente acadêmico. Em incremento a essa literatura, o presente estudo busca focar, paralelamente, na relação entre o cinismo e a traça na vida profissional dos participantes da pesquisa.

É pertinente ressaltar que o cinismo em *níveis razoáveis* é importante para os indivíduos, de forma que possam agir cnicamente de acordo com o contexto no qual desperta desconfiança. Por exemplo, a Figura 1 representa uma propaganda retirada de uma página da internet na qual é indicado que o usuário é o número 999.999º visitante de determinado *website* e que foi selecionado como possível vencedor de um prêmio. Em geral, esse tipo de propaganda nas páginas da internet possui um link que contém vírus ou que redirecionam o usuário para outras páginas que não são relacionadas ao prêmio prometido. Por isso, caso o usuário seja excessivamente inocente e/ou tenha pouco conhecimento das fraudes da internet, é possível que seja atraído por esse tipo de propaganda enganosa e acabe sofrendo consequências indesejáveis. Por isso, como argumentam Tsay, Shu e Bazerman (2011), o oposto de cinismo é a inocência.



**Figura 1.** Imagem de uma propaganda de página da internet.

Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/phishing/1680-dicas-para-identificar-janelas-fraudulentas-nas-paginas-da-web.htm>

O cinismo em níveis razoáveis tende a ser saudável e prover proteção aos indivíduos. Eventualmente, pessoas que experienciam situações de trapaça repetidamente tendem a se tornar (mais) cínicas. Por exemplo, uma pessoa que é traída em um relacionamento amoroso passa a ser mais cínica em relação aos motivos das ações do(a) parceiro(a). Desta forma, o cinismo previne a pessoa de continuar cometendo o erro de confiar no(a) parceiro(a). No contexto de negócios, o mesmo ocorre com empresas e colegas de profissão. Por exemplo, empresas que apresentam fraudes financeiras ou que competem de forma injusta em relação às suas concorrentes têm maior chance de serem observadas com desconfiança pela sociedade, podendo perder transações econômicas essenciais com clientes, fornecedores e outras partes relacionadas. Por isso, o cinismo pode ser interpretado como um mecanismo de defesa psicológico (Horney, 1992) por parte daqueles que sofrem a trapaça.

Com fundamento neste debate, observa-se que o cinismo em excesso pode provocar falta de colaboração e de comprometimento e priorização de interesses particulares ante aos interesses públicos, mesmo que tenha que se cometerem trapaças. Essa sobreposição do interesse pessoal sobre o público (empresa ou sociedade) é motivo de muitos crimes cometidos no mundo financeiro e não financeiro. Por outro lado, o cinismo, em níveis razoáveis, pode representar um mecanismo de prevenção e proteção aos potenciais alvos da trapaça. Apesar disso, o conceito adotado neste estudo é do cinismo de nível elevado, no qual os indivíduos creem de modo generalizado que a natureza humana de terceiros não é confiável (Bernardi & LaCross, 2004; Chiaburu et al., 2013; Costa et al., 1986). Além disso, enfatiza-se que há evidências de que o cinismo está positivamente relacionado à conduta trapaceira (Ameen et al., 1996a; Bernardi & LaCross, 2004).

## 2.2 Pesquisas correlatas

O ponto no qual a contabilidade, o cinismo e a trapaça se encontram ainda foi pouco explorado empiricamente. Na literatura contábil nacional consultada<sup>iv</sup>, encontraram-se estudos que apenas tangenciam o cinismo, como sendo, por exemplo, um dos aspectos do Maquiavelismo (D'Souza & Lima, 2019). Similarmente, foram consultados relevantes periódicos internacionais de contabilidade<sup>v</sup>, nos quais há pesquisas que citam o cinismo de modo sutil, seja como um sub construto ou apenas como palavra, não, como um objeto de investigação (ex: Bowen, Rajgopal, & Venkatachalam, 2014; Klein & Speckbacher, 2019; Majors, 2016). O presente estudo difere-se daqueles e destes ao dar foco particular ao construto de cinismo, utilizando-se de instrumentos acadêmicos específicos para a sua mensuração.

Além de pesquisas anteriores que investigaram o cinismo de modo periférico, foi possível detectar, na literatura internacional de contabilidade, estudos empíricos que efetivamente discutem o cinismo como um dos seus tópicos principais. Estes estudos são descritos na sequência e, ao final, é argumentado como o presente trabalho contribui como literatura de contabilidade e cinismo.

Ameen et al. (1996a) estudaram a desonestidade acadêmica dos estudantes de contabilidade, bem como a influência de fatores ambientais e a propensão para trapacear. Um destes fatores era o cinismo, o qual foi mensurado pelas três questões de Sierles et al. (1980). Especificamente sobre os resultados da relação entre o cinismo e a propensão para trapacear, foi constatado que alunos não trapaceiros possuíam menor nível de cinismo. Os achados da regressão logística binária também sustentaram uma correlação positiva entre o cinismo e a trapaça. Todavia, os resultados que concernem ao construto de cinismo devem ser observados com cautela, visto que o *alpha* de Cronbach encontrado para tal construto foi de 0,554, sugerindo que há frágil consistência interna.



Ameen, Guffey e McMillan (1996b) investigaram a relação entre gênero e a disposição em tolerar comportamentos imorais a partir de uma amostra de 285 alunos de Contabilidade de quatro grandes instituições públicas dos Estados Unidos. Os resultados indicaram que os alunos do sexo masculino tendem a ser mais tolerantes do que os do sexo feminino em se tratando de condutas trapaceiras. No que concerne ao cinismo, mensurado pelas três questões de Sierles et al. (1980), foi encontrado por meio de testes de média que alunos do sexo masculino possuem maiores níveis de cinismo do que os do sexo feminino.

Salter et al. (2001) pesquisaram os determinantes da trapaça com base em uma amostra de 370 alunos matriculados em cursos avançados (*upper-level*) de Contabilidade de universidades públicas dos Estados Unidos e do Reino Unido. Os autores também utilizaram as questões de Sierles et al. (1980) para mensurar o cinismo. Após as análises estatísticas, foi constatado que há relação positiva entre cinismo e trapaça para os alunos do Reino Unido, mas esta relação não foi estabelecida quando os estudantes dos Estados Unidos foram analisados. Uma potencial explicação para este resultado é que existiam mais homens na amostra de alunos do Reino Unido, os quais tendem a ser mais tolerantes com condutas de trapaça. Este achado também sugere que o cinismo pode variar de acordo com a cultura dos países.

Bernardi e LaCross (2004) avaliaram os efeitos do *social desirability response bias* (SDRB) do modelo construído por Salter et al. (2001), uma vez que os autores acreditavam que o SDRB contaminavam as variáveis, entre elas o cinismo, que foram usadas em pesquisas prévias que modelaram a trapaça. Deste modo, foram coletados dados de 174 alunos da área de negócios e o cinismo, em particular, foi mensurado por meio das questões de Sierles et al. (1980). No que concerne aos resultados para a variável de cinismo, observou-se relação negativa entre o cinismo e o SDRB. Esse resultado era o esperado, visto que respostas cínicas dos alunos não são vistas como socialmente desejadas.

Bernardi e Adamaitis (2006), em similar estudo, examinaram os efeitos do SDRB sobre o comportamento de trapaça (*cheating behavior*), controlando por uma série de variáveis dentre as quais estava o cinismo (também mensurado a partir das três questões de Sierles et al. (1980)). Foram coletados dados de 290 alunos australianos, chineses, irlandeses e japoneses, além dos 174 estudantes da pesquisa de (Bernardi & LaCross, 2004). Os resultados indicaram que alunos com fortes traços de cinismo estão mais propensos a reportar que trapaceavam em relação a alunos com personalidade cícnica mais sutil. Além disso, foi encontrada uma relação negativa para cinismo e VRDS, assim como em (Bernardi & LaCross, 2004).

Com base nessa revisão de literatura, há evidências da existência de relação positiva entre o cinismo e a trapaça na vida acadêmica dos estudantes. Além disso, os estudos observados nesta revisão de literatura utilizaram, exclusivamente, as três questões de Sierles et al. (1980) para medir o cinismo. Ameen et al. (1996a) encontrou frágeis evidências de que esta forma de mensuração é apropriada. Por isso, justifica-se o uso de uma segunda *proxy* para avaliar o cinismo. Esta segunda *proxy* foi selecionada a partir do estudo de Greenglass e Julkunen (1989), como será explicada na seção 3. Conforme a discussão teórica e os achados empíricos, formulam-se as seguintes hipóteses:

- **Hipótese 1: O cinismo está positivamente relacionado à expectativa de trapaça na vida acadêmica.**
- **Hipótese 2: O cinismo está positivamente relacionado à expectativa de trapaça na vida profissional.**

### 3. Método

#### 3.1 Contexto do estudo

A pesquisa foi conduzida em duas instituições de ensino superior (IES) – uma privada e uma pública – localizadas na região Sul do Brasil. Com base no objetivo do estudo, foram aplicados questionários para coletar dados sobre o perfil do respondente, cinismo e trapaça. Na instituição privada, os questionários foram aplicados via internet (formulários Google) no mês de outubro de 2019 e, na instituição pública, foram aplicados in loco nos meses de novembro e dezembro de 2019. Todos os participantes aceitaram participar da pesquisa sob as condições do termo de consentimento livre e esclarecido, o qual fornecia, de modo geral, a descrição do objetivo e do método, do sigilo no uso e reporte dos dados, da forma de participação, dos riscos e benefícios e do contato dos pesquisadores. Participaram do estudo 92 estudantes de quatro cursos de pós-graduação *lato sensu* da área de negócios, sendo três específicos de contabilidade e um de gestão financeira, contábil e controladoria. Ressalta-se que nem todos os alunos dos quatro cursos participaram da pesquisa, uma vez que alguns se ausentaram no dia da aula em que houve a coleta dos dados. Foram escolhidos os alunos de pós-graduação *lato sensu* porque estes estão trabalhando e continuam estudando. Desta forma, é mais provável que lembrem e, potencialmente, atuem de forma trapaceira em suas vidas acadêmica e profissional.

#### 3.2 Variáveis e modelos

A Tabela 1 mostra os detalhes das variáveis da pesquisa. Seguindo a ordem do questionário, primeiro foi solicitado aos respondentes que preenchessem seus dados pessoais, como sexo (SEX), idade (IDD), o tipo de trabalho (TRB) e a formação acadêmica do nível de graduação (FAC). Posteriormente, foram respondidas as questões sobre cinismo. As questões C1, C2 e C3 foram traduzidas de forma livre de Sierles et al. (1980)<sup>vi</sup> e usadas para formar a primeira *proxy* de cinismo (CIN1) por meio do cálculo da média aritmética das respostas a estas questões, conforme consta na coluna “Mensuração” da Tabela 1, seguindo a formulação original de Sierles et al. (1980). Quanto maior o valor de CIN1, mais cínico é um indivíduo.

As questões C4, C5 e C6 são referentes à versão de três itens da Escala de Desconfiança Cínica de Cook-Medley, obtida de Greenglass e Julkunen (1989)<sup>vii</sup>. Os itens também foram traduzidos de forma livre e foram usados para formar a segunda *proxy* de cinismo (CIN2), a qual representa os escores fatoriais extraídos da análise fatorial (AF) por componentes principais (método de regressão). Para a observância dos pressupostos, efetuou-se o teste de Esfericidade de Bartlett, que indicou que o fator gerado é adequado ( $\chi^2 = 74,376$ ;  $p = 0,000$ ) (Fávero & Belfiore, 2017). O *alpha* de Cronbach também mostrou que o nível de consistência interna dos itens é aceitável ( $\alpha = 0,7507$ ) (Hair Jr., Black, Babin, & Anderson, 2009). Portanto, foram encontradas evidências de que a AF é adequada. Assim como a primeira *proxy* de cinismo, maiores valores para CIN2 representam maiores níveis de cinismo dos indivíduos. Por fim, foram respondidas às questões sobre trapaça. As variáveis TRVA e TRVP indicam, respectivamente, se o respondente já trapaceou, de alguma forma, na sua vida acadêmica e profissional (sim ou não). Esta forma de mensuração foi empregada pela literatura prévia (Ameen et al., 1996a; Bernardi & LaCross, 2004). E as variáveis EXVA e EXVP indicam, respectivamente, a expectativa do discente de que será necessário trapacear, de alguma forma, na vida acadêmica e profissional futuramente, cujas possíveis respostas eram sim e não. Tais questões também foram usadas por estudos anteriores (Ameen et al., 1996a; Bernardi & Adamaitis, 2006; Salter et al., 2001).

Tabela 1

**Variáveis do estudo**

Sigla		Descrição	Mensuração
SEX	Sexo		1 = masculino; 0 = feminino.
IDD	Idade		Anos.
TRB	Trabalho		1 = área contábil; 0 = não na área contábil.
FAC	Formação acadêmica (graduação)		1 = contabilidade; 0 = não contabilidade.
C1	Pessoas que dizem que elas nunca trapacearam são hipócritas		1 a 5 pontos.
C2	Todo mundo rouba, trapaceia ou mente pelo menos uma vez na vida		1 a 5 pontos.
C3	As pessoas precisam trapacear nesse mundo fortemente competitivo		1 a 5 pontos.
CIN1	"Cinismo 1"		(C1 + C2 + C3) / 3.
C4	A maioria das pessoas, internamente, não gosta de se colocar à disposição para ajudar outras pessoas		1 a 5 pontos.
C5	A maioria das pessoas irá usar de meios um tanto injustos para obter lucro ou ganhar vantagem ao invés de perdê-los		1 a 5 pontos.
C6	Penso que a maioria das pessoas mentiria com o intuito de obter vantagem		1 a 5 pontos.
CIN2	"Cinismo 2"		Escore fatorial gerado pela análise fatorial. <sup>(A)</sup>
TRVA	Você já trapaceou, de alguma forma, na vida acadêmica?		1 = Sim; 0 = Não.
TRVP	Você já trapaceou, de alguma forma, na vida profissional?		1 = Sim; 0 = Não.
EXVA	Você espera precisar trapacear, de alguma forma, na vida acadêmica?		1 = Sim; 0 = Não.
EXVP	Você espera precisar trapacear, de alguma forma, na vida profissional?		1 = Sim; 0 = Não.

Primeiramente, os dados foram observados a partir das estatísticas descritivas sobre o perfil dos respondentes, as questões de cinismo e as questões de trapaça. Posteriormente, foram realizados testes t de Welch para verificar potenciais diferenças no nível de cinismo entre grupos de sexo, trabalho e formação acadêmica distintos. Quando as suposições de normalidade e homogeneidade de variância são violadas no teste t, ainda é possível recorrer à correção de Welch (1947), que faz um ajuste em sua fórmula para tornar o teste viável ao compensar a violação das suposições. Nesta análise, as duas *proxies* para cinismo (CIN1 e CIN2) foram analisadas. Para a idade, foram realizados os testes de correlação.

Na sequência, a relação entre cinismo e expectativa de trapaça foi analisada por meio de modelos de regressão logística binomial, os quais são apropriados quando a variável de resposta é qualitativa binária (Chatterjee & Simonoff, 2012; Fávero & Belfiore, 2017; Menard, 2002). O evento em questão é a expectativa positiva de trapacear, de alguma forma, na vida acadêmica (EXVA) ou profissional (EXVP) no futuro. Desta forma, foram elaborados os seguintes modelos:

- **Modelo 1A:**  $EXVA_i = 1/1 + e^{-(a + b_1 \cdot CIN1_i + b_2 \cdot TRVA_i + b_3 \cdot TRVP_i + b_4 \cdot SEX_i + b_5 \cdot IDD_i + b_6 \cdot TRB_i + b_7 \cdot FAC_i)}$
- **Modelo 1B:**  $EXVA_i = 1/1 + e^{-(a + b_1 \cdot CIN2_i + b_2 \cdot TRVA_i + b_3 \cdot TRVP_i + b_4 \cdot SEX_i + b_5 \cdot IDD_i + b_6 \cdot TRB_i + b_7 \cdot FAC_i)}$
- **Modelo 2A:**  $EXVP_i = 1/1 + e^{-(a + b_1 \cdot CIN1_i + b_2 \cdot TRVA_i + b_3 \cdot TRVP_i + b_4 \cdot SEX_i + b_5 \cdot IDD_i + b_6 \cdot TRB_i + b_7 \cdot FAC_i)}$
- **Modelo 2B:**  $EXVP_i = 1/1 + e^{-(a + b_1 \cdot CIN1_i + b_2 \cdot TRVA_i + b_3 \cdot TRVP_i + b_4 \cdot SEX_i + b_5 \cdot IDD_i + b_6 \cdot TRB_i + b_7 \cdot FAC_i)}$



As variáveis de resposta são as expectativas de trapaça na vida acadêmica (modelos 1A e 1B) e profissional (modelos 2A e 2B). A diferença entre os modelos é a *proxy* de cinismo. CIN1 e CIN2 são as *proxies* para cinismo. Ressalta-se que as questões formadoras do CIN1 foram retiradas de Sierles et al. (1980) e as do CIN2 de Greenglass e Julkunen (1989). Enquanto o CIN1 já foi usado por estudos prévios da área contábil (Ameen et al., 1996b, 1996a; Bernardi & LaCross, 2004; Salter et al., 2001), não foram encontrados estudos de contabilidade que utilizaram o CIN2 na literatura consultada. Para mais detalhes sobre as variáveis, rever a Tabela 1.

## 4. Resultados

A Tabela 2 mostra o perfil dos respondentes. A amostra do estudo é composta, majoritariamente, de mulheres (63,04%), trabalhadores que atuam na área contábil (52,17%) e bacharéis em Ciências Contábeis (79,35%). Como os cursos de pós-graduação *lato sensu* são da área de Contabilidade, era esperado que houvesse preponderância da área contábil, tanto na formação acadêmica quanto na área de atuação dos participantes. A maioria dos alunos é do sexo feminino, o que é consistente com o aumento da participação feminina na graduação em Contabilidade que vem ocorrendo nos últimos anos. Ademais, a idade média dos participantes é de 28,76 anos, com desvio-padrão (DP) de 6,15 anos.

Tabela 2

### Perfil dos participantes

Variável	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
SEX - Masculino	34	36,96
SEX - Feminino	58	63,04
TRB - Área contábil	48	52,17
TRB - Não na área contábil	44	47,83
FAC - Contabilidade	73	79,35
FAC - Não contabilidade	19	20,65

A seguir, a Tabela 3 reporta as estatísticas descritivas das variáveis de cinismo e trapaça. Em relação ao cinismo, verifica-se que, enquanto os itens C1 e C2 apresentam, respectivamente, valores médios de 3,3043 e 3,6196 pontos, o item C3 apresenta valor médio de 1,4565, estando abaixo do nível intermediário da escala (3,0 pontos). Isso indica que os participantes tenderam a concordar mais com C1 e C2 do que com a C3. A primeira *proxy* (CIN1) para cinismo apresentou valor médio de 2,7935, também estando abaixo de 3,0, sugerindo que, de modo geral, os participantes da amostra têm personalidade cínica que pode ser considerada moderada. É importante ressaltar que foi realizado o cálculo do *alpha* de Cronbach para C1, C2 e C3, o qual resultou em 0,5719. Isso sugere que há pouca consistência interna. Esse resultado é similar àquele reportado por Ameen et al. (1996a), que encontraram um *alpha* de 0,544. Portanto, é necessário ter cautela na análise realizada feita com o uso dessa *proxy*, já que não há forte evidência de unidimensionalidade na mensuração do construto.

No que tange aos itens C4, C5 e C6, observa-se que o C4 possui valor médio de 2,9674 pontos, apontando que os participantes tenderam a concordar menos com essa afirmativa. Por outro lado, os itens C5 e C6 obtiveram, respectivamente, valores médios de 3,0326 e 3,1196 pontos, indicando que há maior concordância. O valor médio para CIN2 é de 0,0000, indicando que, de acordo com essa *proxy*, os participantes têm personalidade cínica moderada, uma vez que está distante do valor mínimo (-1,9590) e do valor máximo (2,3684). Para CIN2, o *alpha* de Cronbach é de 0,7507. Isso indica um nível aceitável de consistência interna dos itens que mensuram um mesmo construto (Hair Jr. et al., 2009). Portanto, as análises com o uso dessa segunda *proxy* para cinismo (CIN2) são mais confiáveis.

Em relação à trapaça, foram realizadas análises de tabulação cruzada e testes  $\chi^2$ , já que são variáveis categóricas. Quanto às variáveis EXVA e TRVA, foram verificados 12 casos em alunos já trapacearam e pretendem trapacear novamente na vida acadêmica. Por outro lado, 59 estudantes declararam não ter trapaceado na vida acadêmica pregressa e não têm a intenção de trapacear futuramente. Uma potencial explicação para estes resultados é que os participantes tendem a responder conforme o que a sociedade espera que eles respondam (SDRB), em que os participantes tendem a não admitir que precisarão trapacear. Adicionalmente, constatou-se que 11 estudantes declararam que não trapacearam no passado, mas acreditam que deverão ter trapacear no futuro. Outros dez alunos indicaram que já trapacearam, mas não acreditam que deverão ter que trapacear futuramente. O teste  $\chi^2$  para esta análise de tabulação cruzada indicou significância ( $p = 0,000$ ). Esta é uma evidência de que TRVA e EXVA não estão associadas aleatoriamente.

No que concerne às variáveis TRVP e EXVP, pode-se observar, por meio de sua tabela de contingência, que 14 estudantes admitiram ter trapaceado no passado e que sentem a necessidade de fazê-lo no futuro em suas vidas profissionais. Em oposição, há 30 alunos que declararam não ter trapaceado na vida profissional nem no passado e nem precisarão fazê-lo no futuro. Aqui, também, ressalta-se que os respondentes estão sujeitos à SDRB. Ainda, somente um aluno respondeu que não trapaceou na vida profissional, mas acredita que o terá de fazer no futuro. E, por fim, 46 estudantes responderam que já trapacearam previamente, mas não têm a expectativa de reproduzir este comportamento futuramente. O teste  $\chi^2$  para esta tabulação cruzada foi significativo ( $p = 0,0014$ ). Desta forma, TRVP e EXVP não estão associados de modo aleatório. Há uma associação relevante entre as suas categorias.

Tabela 3

**Estatísticas descritivas - Variáveis de cinismo e trapaça**

Cinismo (N = 92)	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
C1	3,3043	1,3965	1,0000	5,0000
C2	3,6196	1,3736	1,0000	5,0000
C3	1,4565	0,9307	1,0000	5,0000
CIN1	2,7935	0,9190	1,0000	5,0000
C4	2,9674	1,1526	1,0000	5,0000
C5	3,0326	1,1716	1,0000	5,0000
C6	3,1196	1,2996	1,0000	5,0000
CIN2	0,0000	1,0000	-1,9590	2,3684

Expectativa de trapaça e Trapaça na Vida Acadêmica (N = 91)	TRVA		Chi2	Valor p
	Sim	Não		
EXVA	Sim	14	6,00	0,014
	Não	46		

Expectativa de trapaça e Trapaça na Vida Profissional (N = 92)	TRVP		Chi2	Valor p
	Sim	Não		
EXVP	Sim	12	13,46	0,000
	Não	11		

Subsequentemente, a Tabela 4 mostra os valores médios de CIN1 e CIN2, por sexo (SEX), trabalho (TRB) e formação acadêmica (FAC) dos participantes da pesquisa. Os homens possuem personalidade cínica mais forte do que as mulheres, tanto para CIN1 quanto para CIN2, quando considerada a análise descritiva. Todavia, o teste t de Welch apontou que essa diferença não é estatisticamente significativa, sugerindo que o nível de cinismo entre homens e mulheres da amostra desta pesquisa é semelhante. Este resultado é distinto do de Ameen et al. (1996b), os quais encontraram níveis de cinismo significativamente mais elevados para alunos do sexo masculino em relação aos do sexo feminino. Uma potencial explicação é que, de modo geral, a amostra apresenta níveis moderado de traço de cinismo, como reportado na tabela anterior.

Em se tratando de área de trabalho, foi possível verificar, por meio da análise descritiva, que aqueles participantes que trabalham na área contábil possuem personalidade cínica mais forte do que os seus colegas que trabalham em outras áreas, levando-se em conta tanto a CIN1 como a CIN2. Apesar disso, o teste t de Welch apontou que não há diferença estatisticamente significativa entre os níveis de cinismo dos trabalhadores da área contábil e de outras áreas. Portanto, não há evidências de que profissionais contábeis sejam mais cínicos do que trabalhadores de outras áreas.

Em relação à formação acadêmica, o CIN1 indica que os alunos que não se graduaram em Ciências Contábeis (2,81) tem personalidade cínica ligeiramente mais intensa do que aqueles que se graduaram em Ciências Contábeis (2,79). Os testes t de Welch indicaram que não há diferença estatisticamente relevante. O mesmo ocorre para a CIN2, cujos resultados descritivos sugerem que alunos que se graduaram em Contabilidade (0,05) possuem maiores níveis de cinismo do que aqueles que se graduaram em outros cursos (-0,21), mas esta diferença também não é significativa. De forma geral, as duas *proxies* de cinismo mostraram-se razoavelmente consistentes até o momento, uma vez que as duas indicaram que os grupos possuem níveis de cinismo estatisticamente semelhantes.

Tabela 4

**Nível de cinismo (CIN1 e CIN2) por SEX, TRB e FAC**

Filtro	Grupos		Resultado
SEX	Masculino	Feminino	Valor p (bicaudal)
CIN1	2,82	2,78	0,8141
CIN2	0,14	-0,08	0,3493
TRB	Área contábil	Não na área contábil	Valor p (bicaudal)
CIN1	2,82	2,77	0,7805
CIN2	0,15	-0,17	0,1245
FAC	Contabilidade	Não contabilidade	Valor p (bicaudal)
CIN1	2,79	2,81	0,9448
CIN2	0,05	-0,21	0,2751

Quanto à idade, foram conduzidos, respectivamente, testes de correlação de Pearson e de Spearman. Para a relação entre IDD e CIN1, constataram-se coeficientes de -0,0426 ( $p > 0,10$ ) e 0,0040 ( $p > 0,10$ ). Estes resultados sugerem que a primeira *proxy* de cinismo não está significativamente correlacionada com a idade. Para a relação entre IDD e CIN2, verificaram-se coeficientes de -0,2851 ( $p < 0,01$ ) e -0,1951 ( $p < 0,10$ ). Estes achados indicam que a idade está negativamente associada à segunda *proxy* de cinismo. Portanto, quanto menor a idade do estudante, maior é o nível de cinismo. Aqui, aparece o primeiro resultado que difere entre as *proxies* para cinismo (CIN1 e CIN2). Adicionalmente, para a correlação de Pearson e Spearman entre CIN1 e CIN2, foram encontrados os coeficientes de 0,4235 ( $p < 0,01$ ) e 0,4195 ( $p < 0,01$ ), apontando que estão significativamente relacionadas, mas não é possível considerar tais coeficientes altos.

Na sequência, analisou-se a relação entre cinismo e expectativa de trapaça por meio dos modelos de regressão logística binomial, conforme especificados na seção 3. Os resultados para a expectativa de trapaça na vida acadêmica (modelo 1) estão reportados na Tabela 5. O prob chi<sup>2</sup> abaixo de 0,05 aponta que pelo menos uma das variáveis explicativas é significativa para explicar a probabilidade de que o aluno espera precisar trapacear na vida acadêmica (EXVA). O pseudo R<sup>2</sup> de McFaden pode ser utilizado como critério de escolha do modelo mais adequado quando da comparação de modelos (Fávero & Belfiore, 2017). Quanto maior o pseudo R<sup>2</sup>, mais adequado é o modelo. No caso, verifica-se que o modelo 1A tem pseudo R<sup>2</sup> de 0,2530, enquanto para o modelo 1B é de 0,2877. A mesma interpretação pode ser empregada à função de verossimilhança (log likelihood). Quanto maior, mais adequado o modelo. No caso, constata-se que o modelo 1B possui maior log likelihood (LL = -27,71) e, portanto, é mais adequado comparativamente ao modelo 1A (LL = -29,05).

No modelo 1A, observa-se que o cinismo não é fator relevante para influenciar a expectativa de trapaça na vida acadêmica ( $p > 0,10$ ). Este resultado sugere que a personalidade cínica dos participantes da amostra não afeta significativamente as suas expectativas de trapaça. Este achado difere da literatura prévia (Ameen et al., 1996a; Bernardi & Adamaitis, 2006; Bernardi & LaCross, 2004; Salter et al., 2001), os quais encontraram correlação positiva. Os únicos fatores significativos foram TRVP (coef. = 1,16;  $p < 0,10$ ) e FAC (coef. = -1,80;  $p < 0,05$ ). Estes resultados apontam que alunos que já trapacearam na vida profissional estão mais propensos a trapacear na vida acadêmica no futuro e que os estudantes graduados em contabilidade estão menos inclinados a ter expectativa de trapaça em suas vidas acadêmicas. O resultado para TRVA do modelo 1A sugere que estudantes que já trapacearam não sentem, obrigatoriamente, a necessidade de trapacear no futuro. Este achado é contraintuitivo, visto que quem praticou trapaças no passado está mais propenso a cometer trapaças futuramente.

No modelo 1B, constatam-se resultados diferentes. O cinismo (CIN2) está positivamente correlacionado com a expectativa de trapaça na vida acadêmica (EXVA). Este resultado é um indício de que alunos com personalidade cínica mais saliente esperam ter que trapacear futuramente em sua vida acadêmica. Este achado está congruente com estudos anteriores (Ameen et al., 1996a; Bernardi & Adamaitis, 2006; Bernardi & LaCross, 2004; Salter et al., 2001) e fornece suporte à hipótese 1. Além disso, estudantes que trapacearam em suas vidas acadêmicas (coef. = 2,53;  $p < 0,10$ ) e profissional (coef. = 1,39;  $p < 0,10$ ) anteriormente também estão positivamente relacionados à expectativa de trapaça. Isso indica, por exemplo, que profissionais que já trapacearam no mercado de trabalho estão mais inclinados a trapacear em sua vida acadêmica, caso venham realizar um segundo curso de graduação, cursos de pós-graduação ou cursos de outra natureza que envolva o processo de ensino-aprendizagem. Ainda no modelo 1B, nota-se que quanto maior a IDD (coef. = 0,12;  $p < 0,10$ ), maior a expectativa de trapaça. Adicionalmente, alunos de contabilidade estão menos inclinados a pensarem que precisarão trapacear em suas vidas acadêmicas em comparação com os alunos formados em outras áreas do conhecimento. Este é um achado promissor para profissionais e reguladores da profissão de contabilidade. Reporta-se, por fim, que os modelos também foram executados pelo método de estimação probit e os resultados foram semelhantes aos do logit.

Tabela 5

**Resultados dos modelos de regressão logística: EXVA**

EXVA	Modelo 1A		Modelo 1B	
	Coefficiente	Erro-padrão	Coefficiente	Erro-padrão
CIN1	0,44	0,46		
CIN2			0,76*	0,42
TRVA	2,19	1,40	2,53*	1,41
TRVP	1,16*	0,69	1,39*	0,71
SEX	0,51	0,68	0,13	0,73
IDD	0,09	0,07	0,12*	0,07
TRB	0,95	0,83	0,97	0,84
FAC	-1,80**	0,86	-2,31**	0,92
CONSTANTE	-7,19	3,04	-6,84	3,02
N	90		90	
prob chi2	0,0063		0,0022	
Pseudo R <sup>2</sup>	0,2530		0,2877	
Log likelihood (LL)	-29,05		-27,71	

\*\*\*, \*\* e \* representam o nível de significância a 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Os resultados sobre a expectativa de precisar trapacear na vida profissional (EXVP) estão retratados na Tabela 6. Nota-se que as prob chi2 estão abaixo de 0,05, indicando que ao menos uma das variáveis explicativas é significativa. O modelo 2A possui maior R<sup>2</sup> e log likelihood, o que sugere maior adequação do modelo aos dados.

Com base na análise do modelo 2A, observou-se que há influência positiva do CIN1 (coef. = 1,18;  $p < 0,05$ ) sobre a EXVP, sustentando a hipótese 2. Este achado aponta que quanto mais forte a personalidade cínica de um indivíduo, mais propenso está de esperar ter que trapacear na vida profissional. Este achado também é preocupante, uma vez que contadores com elevados traços de cinismo podem estar trapaceando mais intensamente no ambiente de trabalho. Estudos prévios também encontraram relação positiva entre cinismo e expectativa de trapaça (Ameen et al., 1996a; Bernardi & Adamaitis, 2006; Salter et al., 2001). A variável TRVP também se mostrou relevante (coef. = 2,47;  $p < 0,01$ ) na relação com EXVP. Isso significa que indivíduos que já trapacearam esperam trapacear de novo em suas vidas profissionais. Desta forma, é preciso que os professores alertem os estudantes para o comportamento moral quando da atuação profissional na área contábil. Este ponto pode e deve ser reforçado, principalmente, nas disciplinas de ética contábil, oportunidade na qual devem ser discutidos casos e situações de conflito moral em que contadores estão sujeitos a enfrentar e qual deve ser a conduta mais apropriada. Ainda, a variável SEX (coef. = 1,42;  $p < 0,05$ ) obteve relação positiva com EXVP. Este resultado sugere que alunos do sexo masculino estão mais inclinados a pensar que precisarão trapacear em suas vidas profissionais futuramente. Em uma profissão em que a maioria é formada por homens (CFC, 2019), torna-se preocupante para a profissão contábil saber que indivíduos do sexo masculino esperam trapacear mais do que as do sexo feminino.



O modelo 2B apresentou resultados similares ao do modelo 2A. As mesmas variáveis foram significantes na relação com EXVP. O cinismo (coef. = 0,90;  $p < 0,05$ ), por exemplo, obteve relação positiva com a expectativa de trapaça na vida profissional. Desta forma, indivíduos que possuem níveis de cinismo mais elevados tendem, mais fortemente, a esperar que precisarão trapacear na vida profissional em comparação com aqueles que têm níveis de cinismo menores. Este achado oferece sustentação à hipótese 2. Estudantes do sexo masculino que já trapacearam na vida profissional também apresentaram coeficientes positivos. Estas evidências sustentam que trapaceiros do sexo masculino estão mais inclinados a pensar que necessitarão trapacear em suas vidas profissionais. Os resultados alertam para potenciais comportamentos de trapaça no ambiente de trabalho da área de contabilidade, uma vez que alunos cínicos do sexo masculino e que já trapacearam pensam mais intensamente em trapacear novamente do que os menos cínicos, do sexo feminino e que não trapacearam. Estes últimos podem sofrer as consequências das trapaças daqueles. Finalmente, frisa-se que os modelos 2A e 2B também foram estimados via probit e renderam resultados semelhantes aos do logit.

Tabela 6

**Resultados dos modelos de regressão logística: EXVP**

EXVP	Modelo 2A		Modelo 2B	
	Coefficiente	Erro-padrão	Coefficiente	Erro-padrão
CIN1	1,18**	0,49		
CIN2			0,90**	0,37
TRVA	-1,10	0,92	-0,64	0,86
TRVP	2,47***	0,76	2,61***	0,78
SEX	1,42**	0,67	1,17*	0,65
IDD	0,05	0,05	0,08	0,06
TRB	1,18	0,82	0,92	0,79
FAC	-0,72	0,85	-0,96	0,86
CONSTANTE	-7,19	2,53	-4,62	2,11
N	90		90	
prob chi2	0,0001		0,0002	
Pseudo R <sup>2</sup>	0,3049		0,2956	
Log likelihood (LL)	-33,14		-33,58	

\*\*\*, \*\* e \* representam o nível de significância a 1%, 5% e 10%, respectivamente.

De modo geral, os resultados dos modelos 2A e 2B apresentaram semelhança. Constatou-se que a expectativa de trapaça na vida profissional (EXVP) independe da idade (IDD), da área de trabalho (TRB) e da formação acadêmica (FAC) dos participantes. Alunos formados em contabilidade ou em outras áreas não se diferenciam relevantemente em relação às suas expectativas trapaça no ambiente profissional. A mesma interpretação se aplica à idade e à área de trabalho dos estudantes da amostra quando analisados junto a outras variáveis dos modelos.

## 5. Considerações finais

O objetivo do estudo foi analisar a relação entre o cinismo e a (expectativa de) trapaça nas vidas acadêmicas e profissionais de alunos de cursos de pós-graduação *lato sensu* da área de contabilidade. Nesse sentido, foram coletados dados de 92 estudantes de quatro cursos de pós-graduação por meio de questionário eletrônico e físico (aplicação *in loco*). Para a análise dos dados, foram conduzidas estatísticas descritivas, testes t de Welch e modelos de regressão logística binária.

As estatísticas descritivas indicaram que a maioria dos estudantes admitiu ter trapaceado em sua vida acadêmica. Todavia, o mesmo não foi constatado para a vida profissional, na qual a maioria não admitiu ter trapaceado. Este achado é intrigante, uma vez que a literatura prévia sugere haver relação positiva entre a conduta trapaceira na vida acadêmica e profissional. Uma potencial explicação para este resultado é a de que os alunos da amostra são relativamente novos (média = 28,76 anos) e, portanto, podem possuir pouca experiência profissional desde a conclusão do curso de graduação ou, ainda, foram expostos a poucos conflitos morais no ambiente de trabalho. Este achado ainda carece de maiores investigações.

Em relação aos testes t de Welch, observou-se que não houve diferença estatisticamente significativa no nível de cinismo dos alunos – considerando as duas *proxies* – quando separados por sexo, área de trabalho e formação acadêmica. Já na regressão logística binomial, encontraram-se evidências de que o cinismo tem relação positiva com a expectativa de trapaça nas vidas acadêmica e profissional. Tais evidências sugerem que quanto mais elevado o traço de cinismo do indivíduo, maior será a sua expectativa de trapacear futuramente. Desta forma, as hipóteses 1 e 2 encontram sustentação, mas restrita, já que no modelo 1A o cinismo não foi significativo para explicar a EXVA. Adicionalmente, estudantes que trapacearam previamente estão mais inclinados a pensar que precisarão trapacear novamente. Este achado é consistente com o de Smyth e Davis (2003) e sugere que o hábito de trapaça pode virar um círculo vicioso no qual seus praticantes precisam ser detectados e aplicadas as punições constantes nas normas e nos códigos de conduta a fim de que o ciclo de trapaça seja interrompido.

Os resultados obtidos trazem reflexões e implicações à educação contábil e, de forma mais abrangente, à educação de estudantes da área de negócios. Primeiramente, docentes podem querer identificar alunos que possuem personalidade cínica mais evidente, com o intuito adotar políticas educacionais que restrinjam a sua conduta de trapaça. Em segundo lugar, não foi observado diferença no nível de cinismo dos alunos quando separados por sexo, trabalho e formação acadêmica. Portanto, os estudantes mostraram ter traços similares de cinismo. Caso o professor venha a conhecer o nível de cinismo dos alunos de sua turma, poderá tomar medidas de acordo com elementos do comportamento discente que estejam relacionados a esta personalidade. Em terceiro lugar, foram obtidas evidências de que estudantes que já tinham trapaceado na vida profissional têm mais fortemente a expectativa de que necessitarão trapacear no futuro. Em outras palavras, a trapaça gera trapaça. Coordenadores de cursos e docentes precisam estar cientes sobre este fato, com a finalidade de elaborar políticas e regras que limitem o comportamento de trapaça dos discentes. Em quarto lugar, os resultados também podem auxiliar na seleção de futuros profissionais da área de negócios. Considerando a relação positiva entre o cinismo e a trapaça, gestores de recursos humanos podem querer medir o nível de personalidade cínica a fim de reduzir a probabilidade de conduta trapaceira de seus colaboradores.

Como limitação da pesquisa ressalta-se que há poucos trabalhos sobre cinismo na área de contabilidade, em especial no âmbito nacional. Por isso, a discussão dos resultados se restringiu à literatura internacional. Um segundo ponto é a *proxy* CIN1, para a qual não se obteve fortes evidências de consistência interna de seus itens uma vez que o *alpha* de Cronbach não alcançou nível aceitável. O resultado do *alpha* de Cronbach obtido por esta investigação é similar ao de Ameen et al. (1996a). Portanto, é possível que o cinismo pode não estar sendo mensurado de forma adequada quando consideradas as questões de Sierles et al. (1980). Desta forma, recomenda-se cautela na interpretação dos resultados que envolvem a *proxy* CIN1, especialmente aqueles nos quais se distinguiram da *proxy* CIN2. Ademais, evidências de fragilidade na forma de mensuração de cinismo por meio das questões de Sierles et al. (1980) podem pôr em questionamento mais profundo os resultados de pesquisas anteriores que as utilizaram.

## Referências

- Adorno, T. W., Frenkel-Crunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (1950). *The authoritarian personality*. The American Jewish Committee. Recuperado de <http://www.ajcarchives.org/main.php?GroupingId=6490>
- Ameen, E. C., Guffey, D. M., & McMillan, J. J. (1996a). Accounting students' perceptions of questionable academic practices and factors affecting their propensity to cheat. *Accounting Education*, 5(3), pp. 191–205. Doi: <https://doi.org/10.1080/09639289600000020>
- Ameen, E. C., Guffey, D. M., & McMillan, J. J. (1996b). Gender differences in determining the ethical sensitivity of future accounting professionals. *Journal of Business Ethics*, 15(5), pp. 591–597. Doi: <https://doi.org/10.1007/BF00381934>
- Andersson, L. M., & Bateman, T. S. (1997). Cynicism in the workplace: some causes and effects. *Journal of Organizational Behavior*, 18(5), pp. 449–469. Doi: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1379\(199709\)18:5<449::AID-JOB808>3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1379(199709)18:5<449::AID-JOB808>3.0.CO;2-O)
- Avelino, B. C., Lima, G. A. S. F. de, Cunha, J. V. A. da, & Colauto, R. D. (2017). The Influence of narcissism in the Professional environment: Aspects related to dishonesty. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(3), pp. 334–356. Recuperado de <http://asaa.anpcont.org.br/index.php/asaa/article/view/351/195>
- Bernardi, R. A., & Adamaitis, K. L. (2006). Data contamination by social desirability response bias: an international study of students' cheating behavior. In *Research on Professional Responsibility and Ethics in Accounting* (Vol. 11, pp. 149–175). Doi: [https://doi.org/10.1016/S1574-0765\(06\)11008-0](https://doi.org/10.1016/S1574-0765(06)11008-0)
- Bernardi, R. A., & LaCross, C. C. (2004). Data Contamination By Social Desirability Response Bias In Research On Students' Cheating Behavior. *Journal of College Teaching & Learning*, 1(8), pp. 13–26. Recuperado de <https://clutejournals.com/index.php/TLC/article/view/1973>
- Bowen, R. M., Rajgopal, S., & Venkatachalam, M. (2014). Is Warren Buffett's commentary on accounting, governance, and investing practices reflected in the investment decisions and subsequent influence of Berkshire Hathaway? *Accounting Review*, 89(5), pp. 1609–1644. Doi: <https://doi.org/10.2308/accr-50797>
- CFC. (2019). Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade agrupados por Gênero. Recuperado de <https://cfc.org.br/registro/quantos-somos-2/>
- Chatterjee, S., & Simonoff, J. S. (2012). *Handbook of Regression Analysis*. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781118532843>
- Chiaburu, D. S., Peng, A. C., Oh, I.-S., Banks, G. C., & Lomeli, L. C. (2013). Antecedents and consequences of employee organizational cynicism: A meta-analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 83(2), pp. 181–197. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2013.03.007>
- Cook, W. W., & Medley, D. M. (1954). Proposed hostility and Pharisic-virtue scales for the MMPI. *Journal of Applied Psychology*, 38(6), pp. 414–418. Doi: <https://doi.org/10.1037/h0060667>
- Costa, P. T., Zonderman, A. B., McCrae, R. R., & Williams, R. B. (1986). Cynicism and paranoid alienation in the Cook and Medley HO Scale. *Psychosomatic Medicine*, 48(3), pp. 283–285. Doi: <https://doi.org/10.1097/00006842-198603000-00014>
- D'Souza, M. F., & Lima, G. A. S. F. (2019). Um olhar sobre os traços do dark triad e os valores culturais de estudantes de contabilidade. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 12(1), pp. 161–183. Doi: <https://doi.org/10.14392/ASAA.2019120109>

- Fávero, L. P., & Belfiore, P. (2017). *Manual de análise de dados: Estatística e modelagem multivariada com Excel, SPSS e Stata*. Rio de Janeiro: Elsevier. Recuperado de <https://repositorio.usp.br/item/002858123> (é um livro, não está disponível na Web)
- Greenglass, E. R., & Julkunen, J. (1989). Construct validity and sex differences in Cook-Medley hostility. *Personality and Individual Differences*, 10(2), pp. 209–218. Doi: [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(89\)90206-7](https://doi.org/10.1016/0191-8869(89)90206-7)
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analysis* (7th ed.). Pearson Prentice Hall. Livro
- Horney, K. (1992). *Our inner conflicts*. New York: W W Norton & Company Inc. Recuperado de <https://wwnorton.com/books/9780393309409> (Livro, link para a compra do livro)
- James, M. S. L., Miles, A. K., & Mullins, T. (2011). The interactive effects of spirituality and trait cynicism on citizenship and counterproductive work behaviors. *Journal of Management, Spirituality & Religion*, 8(2), pp. 165–182. Doi: <https://doi.org/10.1080/14766086.2011.581814>
- Kanter, D. L., & Mirvis, P. H. (1989). *The cynical Americans: living and working in an era of discontent and disillusion*. San Francisco: Jossey-Bass. Recuperado de <https://www.wiley.com/en-us/+Cynical+Americans%3A+Living+and+Working+in+an+Age+of+Discontent+and+Disillusion-p-9781555421502> (Livro, link para a compra do livro)
- Klein, A., & Speckbacher, G. (2019). Does Using Accounting Data in Performance Evaluations Spoil Team Creativity? The Role of Leadership Behavior. *The Accounting Review*, accr-52602. Doi: <https://doi.org/10.2308/accr-52602>
- Kökalan, Ö. (2019). The effect of organizational cynicism on job satisfaction. *Management Research Review*, 42(5), pp. 625–640. Doi: <https://doi.org/10.1108/MRR-02-2018-0090>
- Lawson, R. A. (2004). Business students' willingness to engage in academic dishonesty and whistleblowing. In *Research on Professional Responsibility and Ethics in Accounting* (Vol. 9, pp. 1–19). Doi: [https://doi.org/10.1016/S1574-0765\(04\)09001-6](https://doi.org/10.1016/S1574-0765(04)09001-6)
- Lawson, R. A., Blocher, E. J., Brewer, P. C., Morris, J. T., Stocks, K. D., Sorensen, J. E., Wouters, M. J. F. (2015). Thoughts on competency integration in accounting education. *Issues in Accounting Education*, 30(3), pp. 149–171. Doi: <https://doi.org/10.2308/iace-51021>
- Leung, K., Ip, O. K. M., & Leung, K.-K. (2010). Social Cynicism and Job Satisfaction: A Longitudinal Analysis. *Applied Psychology*, 59(2), pp. 318–338. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2009.00392.x>
- Majors, T. M. (2016). The Interaction of Communicating Measurement Uncertainty and the Dark Triad on Managers' Reporting Decisions. *The Accounting Review*, 91(3), pp. 973–992. Doi: <https://doi.org/10.2308/accr-51276>
- McCabe, D. L. (2005). Cheating among college and university students: A North American perspective. *International Journal of Educational Integrity*, 1(1), pp. 1–11. Doi: <https://doi.org/10.21913/IJEI.v1i1.14>
- McCabe, D. L., & Trevino, L. K. (1995). Cheating Among Business Students: a Challenge for Business Leaders and Educators. *Journal of Management Education*, 19(2), pp. 205–218. Doi: <https://doi.org/10.1177/105256299501900205>
- Menard, S. (2002). *Applied logistic regression analysis* (2nd ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications, Inc. Recuperado de <https://us.sagepub.com/en-us/nam/applied-logistic-regression-analysis/book11277> (Livro)

- Salter, S. B., Guffey, D. M., & McMillan, J. J. (2001). Truth, consequences and culture: A comparative examination of cheating and attitudes about cheating among U.S. and U.K. Students. *Journal of Business Ethics*, 31(1), pp. 37–50. Doi: <https://doi.org/10.1023/A:1010785106667>
- Serrano Archimi, C., Reynaud, E., Yasin, H. M., & Bhatti, Z. A. (2018). How Perceived Corporate Social Responsibility Affects Employee Cynicism: The Mediating Role of Organizational Trust. *Journal of Business Ethics*, 151(4), pp. 907–921. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10551-018-3882-6>
- Sierles, F., Hendrickx, I., & Circle, S. (1980). Cheating in medical school. *Journal of Medical Education*, 55(2), pp. 124–125. Doi: [https://journals.lww.com/academicmedicine/Abstract/1980/02000/Cheating\\_in\\_medical\\_school.6.aspx](https://journals.lww.com/academicmedicine/Abstract/1980/02000/Cheating_in_medical_school.6.aspx)
- Smyth, M. L., & Davis, J. R. (2003). An Examination of Student Cheating in the Two-Year College. *Community College Review*, 31(1), pp. 17–32. Doi: <https://doi.org/10.1177/009155210303100102>
- Stavrova, O., & Ehlebracht, D. (2018). Education as an Antidote to Cynicism. *Social Psychological and Personality Science*, 9(1), pp. 59–69. Doi: <https://doi.org/10.1177/1948550617699255>
- Thaler, R. H. (2019). *Misbehaving*. Rio de Janeiro: Intrínseca. Recuperado de <https://www.intrinseca.com.br/resultado-de-busca/?livro=Misbehaving> (livro)
- Tsay, C.-J., Shu, L. L., & Bazerman, M. H. (2011). Naïveté and Cynicism in Negotiations and Other Competitive Contexts. *The Academy of Management Annals*, 5(1), pp. 495–518. Doi: <https://doi.org/10.1080/19416520.2011.587283>
- Turner, J. H., & Valentine, S. R. (2001). Cynicism as a Fundamental Dimension of Moral Decision-Making: A Scale Development. *Journal of Business Ethics*, 34(2), pp. 123–136. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/25074627>
- Viljoen, M., & Claassen, N. (2017). Cynicism as subscale of burnout. *Work*, 56(4), pp. 499–503. Doi: <https://doi.org/10.3233/WOR-172518>
- Welch, B. L. (1947). The generalization of students' problem when several different population variances are involved. *Biometrika*, 34(1/2), pp. 28–35. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/2332510>
- Wheeler, P. (2001). The Myers-Briggs Type Indicator and Applications to Accounting Education and Research. *Issues in Accounting Education*, 16(1), pp. 125–150. Doi: <https://doi.org/10.2308/iace.2001.16.1.125>
- Wheeler, P., Jessup, C., & Martinez, M. (2002). The Keirsey Temperament Sorter: Investigating the impact of personality traits in accounting. In *Advances in Accounting Behavioral Research*, pp. 247–277. Doi: [https://doi.org/10.1016/S1474-7979\(02\)05044-5](https://doi.org/10.1016/S1474-7979(02)05044-5)
- Why, Y. P., & Johnston, D. W. (2008). Cynicism, anger and cardiovascular reactivity during anger recall and human–computer interaction. *International Journal of Psychophysiology*, 68(3), pp. 219–227. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijpsycho.2008.02.001>



## Notas finais

- <sup>i</sup> O curso de pós-graduação em economia comportamental da *Behavioral Economics Roundtable* era originalmente denominado de “*Russell Sage Foundation Summer Institutes in Behavioral Economics*” e conhecido, informalmente, por “colônia de férias da Russell Sage”. Para mais detalhes, ver capítulo 19 de Thaler (2019).
- <sup>ii</sup> O significado do termo trapaça, neste estudo, é tratado de forma abrangente. Isto é, trapaça pode ser qualquer ato no qual seja possível perceber injustiça em função de tratamentos e aplicações de regras ou comportamentos diferentes para se alcançar um determinado fim, tendo ou não consequências na esfera criminal.
- <sup>iii</sup> “*individuals who are highly cynical are not naturally prone to engage in voluntary helping behaviors*” (James et al., 2011, p. 168).
- <sup>iv</sup> Os periódicos nacionais de contabilidade consultados estão disponíveis em: <http://anpcont.org.br/periodicos-de-contabilidade/> (Acesso em 19/03/2020). As palavras-chave inseridas nos buscadores dos periódicos foram as seguintes: “cinismo”, “cínico” e “cínica”. Além disso, foram inseridas as seguintes palavras em inglês: “*cynicism*”, “*cynic*” e “*cynical*”. Especificamente na revista *Custos e @gronegóciosOnline*, não há buscador. Por este motivo, as edições desta revista foram consultadas manualmente. A Revista Contabilidade & Controladoria (RC&C) da UFPR estava inacessível no dia da consulta. Em razão disso, uma nova tentativa foi feita no dia 28/03/2020, data em que a RC&C estava disponível e foi possível constatar que não há estudos sobre o cinismo.
- <sup>v</sup> Os periódicos internacionais de contabilidade consultados foram os seguintes: *The Accounting Review*, *Contemporary Accounting Research*, *Journal of Accounting Research*, *Journal of Accounting and Economics*, *European Accounting Review*, *Accounting Horizons*, *Journal of Accounting Education*, *Accounting Education*, *Issues in Accounting Education*, *Behavioral Accounting Research*, *Journal of Forensic Accounting Research*, *Journal of Information Systems*, *Journal of International Accounting Research*, *Journal of Management Accounting*, *Accounting in Europe*, *The Journal of the American Taxation Association*. As palavras-chave inseridas nos buscadores dos periódicos foram: “*cynicism*”, “*cynic*” e “*cynical*”.
- <sup>vi</sup> Em inglês: “*People who say they have never cheated are hypocrites*” (C1); “*Everybody steals, cheats or lies at least once in his lifetime*” (C2); e “*People have to cheat in this ‘dog eat dog’ world*” (C3). (Sierles et al., 1980).
- <sup>vii</sup> Em inglês: “*Most people inwardly dislike putting themselves out to help other people*” (C4); “*Most people will use somewhat unfair means to gain profit or an advantage rather than lose it*” (C5); e “*I think most people would lie in order to get ahead*” (C6). (Greenglass & Julkunen, 1989).